Memória do movimento LGBTI+ brasileiro

#cm2 FIM DE SEMANA

Unsplash



Fotografias, cartazes e registros de manifestações que marcaram a trajetória do **movimento LGBTI+** no Brasil ganham espaço em uma **exposição no Espaço Cultural Renato Russo,** na 508 Sul. A mostra do **Acervo LGBTI+ Leci Brandão** segue até 12 de dezembro, com **entrada gratuita** - Página 15

Daniel Ebendinger/Divulgação



Giacomo Puccini morreu antes de finalizar 'Turandot'; a ópera foi finalizada por Franco Alfano

É tempo de **Turandot**

Inacabada com a morte de Giacomo Puccini, a última ópera do compositor chega ao centenário com estreia nesta sexta no Theatro Municipal com regência de Carlos Vieu

AFFONSO NUNES

Cem anos depois de estrear no Teatro alla Scala, em Milão, na noite de 25 de abril de 1926, "Turandot" retorna ao palco do Theatro Municipal. A última ópera de Giacomo Puccini (1858–1924), ausente do maior palco lírico do país havia 24 anos, entra em cartaz com estreia nesta sexta-feira (13) e récitas nos dias 14, 17, 18, 20 e 21, com Coro e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal regidos por Carlos Vieu e participação especial do Coro Infantil da UFRJ.

No papel-título, Eiko Senda e Tatiana Carlos se alternam, enquanto Andrés Presno e Enrique Bravo dividem Calaf e Ludmilla Bauerfeldt e Ligia Ishitani se revezam como Liù. A produção tem concepção e direção cênica de André Heller-Lopes, que assinou a montagem apresentada no Theatro Municipal de São Paulo em 2018, cenografia de Renato Theobaldo, figurinos de Sofia Di Nunzio, iluminação de Fabio Retti e direção de remontagem de Ana Vanessa.

"Turandot" foi a última ópera de Puccini, deixada inacabada com a morte do compositor, em 1924, e concluída por Franco Alfano. Na noite de estreia, o maestro Arturo Toscanini interrompeu a apresentação na cena da morte de Liù, no ponto em que terminava a música escrita por Puccini. Nas noites seguintes, a obra passou a ser apresentada com o final completado por Alfano.

"Programar Turandot no Theatro Municipal do Rio de Janeiro no centenário de sua estreia é celebrar a força de uma obra-prima que atravessa gerações", destaca Eric Herrero, diretor artístico da Fundação Teatro Municipal do Rio de Janeiro, para quem a parceria com o Municipal de São Paulo reforça "o intercâmbio entre duas das mais importantes instituições líricas do país".

"Remontar 'Turandot' no Rio é um sonho especial, pois foi minha estreia profissional no mundo da ópera, como cantor solista, na Praça da Apoteose", conta Heller-Lopes. O diretor explica que a montagem parte do número três, recorrente na obra, para contar três histórias dentro de uma, e que evitou o melodrama ao apostar no encontro entre a ópera chinesa, a commedia dell'arte e a ópera romântica, conduzindo personagens estilizados às paixões e aos traumas humanos.

"'Turandot' não é uma princesa de gelo, mas uma mulher que se protege por trás de uma história do passado", ressalta. "Em um mundo de homens, ela assume as rédeas do próprio destino e escolhe livremente alguém capaz de enxergar além da personagem que construiu para si", pontua Heller-Lopes.

> *"Em um mundo de homens, Turandot assume as rédeas do próprio destino e escolhe livremente alguém capaz de enxergar além da personagem que construiu para si'"*
>
> **ANDRÉ HELLER-LOPES**

Na China lendária, a princesa Turandot impõe aos pretendentes um desafio mortal: decifrar três enigmas — quem fracassa, morre. Movido pela paixão, o príncipe Calaf aceita o desafio e resolve as perguntas, mas a princesa se recusa a se entregar. Ele então propõe um novo jogo: se ela descobrir seu nome até o amanhecer, aceitará morrer. Enquanto o reino é mobilizado em busca da resposta, Liù, escrava apaixonada por Calaf, enfrenta uma escolha extrema. A ópera conduz os personagens a um desfecho trágico e transformador.

À frente do Coro e da Orquestra Sinfônica do Municipal, o argentino Carlos Vieu é regente titular da Orquestra Estável do Teatro Argentino de La Plata e, desde 2012, maestro convidado permanente da Orquestra Sinfônica Nacional Argentina; também foi regente principal da Orquestra Estável do Teatro Colón, em Buenos Aires. Heller-Lopes, professor da Escola de Música da UFRJ e doutor pelo King's College London, venceu três edições consecutivas do Prêmio Carlos Gomes e já ocupou a direção artística do próprio Municipal. Entre seus trabalhos mais recentes estão "Roméo et Juliette", de Gounod, na Ópera de Tenerife, e "Nabucco", de Verdi, na Ópera de Israel, ambos em 2026.

SERVIÇO

TURANDOT

Theatro Municipal do Rio de Janeiro (Praça Floriano, s/nº, Centro)

Até 21/11, sextas (13 e 20), sábados (14 e 21) e quarta (18), às 19h; terça (17), às 14h

Ingressos: Frisas e camarotes (R$ 90 e R$ 45, meia); plateia e balcão nobre (R$ 80 e R$ 40, meia); balcão superior e lateral (R$ 50 e R$ 25, meia); e galeria central e lateral (R$ 20. e R$ 10, meia)

Divulgação



Gilsons em show da turnê 'Eu Vejo Luz'

Comemoração em família

Gilsons recebem Gilberto Gil nesta sexta nos 20 anos do Vivo Rio

AFFONSO NUNES

Divulgação



Formado por José, João e Francisco Gil - originalmente músicos da banda do api e avô Gilberto Gil, Os Gilsons recebem o patriarca nesta sexta-feira (13), às 21h, em show da turnê mundial "Eu Vejo Luz". A apresentação marca os 20 anos do Vivo Rio, um dos templos musicais mais prestigiados da cidade e que foi inaugurado em 2006 justamente com um show de Gil.

No repertório, o destaque vai para as canções de "Eu vejo luz em maior proporção do que eu vejo a escuridão", segundo e mais recente álbum de estúdio do trio, lançado em março, ao lado dos sucessos "Várias queixas", "Love love", "Devagarinho" e "Deixa fluir". Fruto da maturidade musical de José, João e Francisco, o disco reúne dez faixas inéditas, com participações de Arnaldo Antunes, Julia Mestre e Sona Jobarteh, e carrega um intervalo intenso da vida da família: inclui homenagem à Preta Gil, mãe de Francisco, morta em julho de 2025.

A banda nasceu antes do nome. Em 2015, José, João e Francisco dividiam o palco na Sinara, ao lado de Luthuli Ayodele e Magno Brito; o projeto virou Gilsons em 2018, por sugestão de Preta — o sobrenome da família costurado à palavra "sons", filhos em inglês. Os três integram a banda que acompanha Gilberto Gil: José colabora com o pai desde 2003, entrou no grupo em 2006 e gravou o álbum "Banda Larga Cordel" (2008); João e Francisco completam o time do patriarca. A MPB de matriz baiana — ijexá, afoxé, baião — é o alicerce da música do trio.

A turnê "Eu Vejo Luz", anunciada antes mesmo do lançamento do disco, com mais de 30 datas confirmadas, começou em Salvador, em abril, e passou por Porto Alegre, Campinas, Florianópolis, Natal, Maceió, Recife e Brasília antes de cruzar o Atlântico - Itália, Dinamarca, Espanha e França, os Coliseus de Lisboa e do Porto e seis datas entre Austrália e Nova Zelândia.

"Agora tem esse desafio de trazer as músicas novas e esperar essa resposta. Naturalmente, é isso que vai dando à música uma nova vibração", conta José Gil. Francisco completa: "Elas estão ali, muito pessoais, quase como um bebezinho. Mas, a partir do momento em que a gente lança, elas viram do mundo". "Eu fico na expectativa de como vai se dar essa continuidade... de como o show vai soar com esse repertório novo", questiona João.

O crescimento do trio está nos números. Em 2022, as execuções das próprias músicas saltaram de 2 milhões para 206 milhões de streams em dois anos. O primeiro álbum, "Pra Gente Acordar", rendeu indicações ao Grammy Latino, ao Prêmio Multishow e ao Prêmio da Música Brasileira, colocou o grupo em festivais como Rock in Rio, Lollapalooza e Coala e esgotou casas na Argentina, no Uruguai, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Espanha, na Alemanha, na Holanda e na Irlanda.

A comemoração do Vivo Rio começa duas horas antes do show com coquetel para conidados. São mais de 4 milhões de pessoas acumuladas em sua plateia nesses 20 anos. Inaugurado em novembro de 2006 pelo show de Gilberto Gil — que recebeu no palco Maria Rita, Adriana Calcanhotto e Ivete Sangalo —, a casa de shows que compõe o conjunto arquitônico do Museu de Arte Moderna (MAM) já foi ocupado por grandes nomes nacionais e internacionais como Chico Buarque, Caetano Veloso, Roberto Carlos, Marisa Monte, B.B. King, Lauryn Hill e New Order, e também serviu para projetar artiostas da novfa geração como Liniker, Rubel, Luedji Luna e os próprios Gilsons.

"Tenho estado em muitas situações no Vivo Rio, gosto muito de lá. Acho que tem uma intimidade, uma localização especial no Rio de Janeiro, ali no Aterro. É uma casa muito boa para nós artistas", diz Gil, o artista da primeira noite na casa de shows. "Estamos muito felizes em comemorar os 20 anos do Vivo Rio. Para quem não sabe, o Gilberto Gil inaugurou a casa 20 anos atrás. E continuar seu legado comemorando todos esses anos depois, é uma maravilha. Estamos muito empolgados!", declaram José, João e Francisco em nota.

"Chegar aos 20 anos é celebrar uma trajetória de muitas histórias, encontros e experiências. Ao longo dessas duas décadas, o Vivo Rio se tornou palco de grandes nomes da música nacional e internacional, além de diferentes manifestações culturais e projetos de entretenimento. Nossa história também é marcada pela diversidade de públicos e pela realização de importantes eventos corporativos e institucionais. É uma alegria fazer parte da vida cultural do Rio de Janeiro e seguir criando experiências que aproximam pessoas e deixam memórias", destaca Bianca Labruna, diretora artística da casa.

Depois da festa no Vivo Rio, a maratona dos Gilsons segue adiante com apresentações em Curitiba (19/11), Fortaleza (21/11), Niterói (22/11) e três noites seguidas no Rio de Janeiro (27, 28 e 29/11). Em dezembro, Manaus (8/12), Rio de Janeiro (10 e 11/12) e, no dia 13, o encerramento a bordo do Navio Dominguinho, cruzeiro temático comandado por João Gomes, Jota.pê e Mestrinho.

SERVIÇO

GILSONS – EU VEJO LUZ

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo). | 13/11, às 21h

Ingressos: R$ 320 e R$ 160 (meia)

Nando Reis e todo aquele **amor guardado**

Hit do ex-titã batiza turnê que chega ao Qualistage nesta sexta

AFFONSO NUNES

Nando Reis apresenta nesta sexta-feira (13), no Qualistage, show de sua nova turnê a turnê "Pra Você Guardei o Amor". A faceta mais conhecida do ex-titã — a romântica — domina o espetáculo que reúne canções que tratam de aventuras e desventuras amorosas, pois quem nuc amou que atire a primeira pedra.

No repertório, hits consagrados convivem com canções do último álbum e releituras de clássicos que marcaram a vida do artista. Entre eles, "Mantra" e "Espatódea", esta dedicada à filha Zoé, além de canções de outros autores sobre o mesmo universo.

Nando conta que o gatilho do projeto veio em maio, quando o artista lançou nova versão de "Pra Você Guardei o Amor", em dueto com Marisa Monte — a canção de 1997 ganhou novo significado com o tempo. "Essa é até uma das razões que me levou a fazer uma nova versão", alega o músico.

No palco, uma presença de peso: Lan Lanh, percussionista e amiga de longa data. A direção artística e visual é assinada por Batman Zavareze, que destaca o alcance da poesia de Nando. Completam a banda Walter Villaça (guitarra), Felipe Cambraia (baixo), Alex Velley (teclados), Eduardo Schuler (bateria) e o filho Sebastião Reis (violão).

Aos 63 anos, Nando segue estrada, cumprindo uma agenda cheia. Depois do Rio, a turnê segue para Pelotas, no Teatro Guarany, Porto Alegre, no Auditório Araújo Viana, e Santa Maria, no Cadoz Boulevard. E há mais por vir: em 29 de novembro, em Curitiba, e em 10 de dezembro, em São Paulo, o cantor apresenta "Sou Delas", show em formato voz e violão em que revisita composições suas gravadas por intérpretes femininas, de Marisa Monte a Cássia Eller.

SERVIÇO
NANDO REIS - PRA VOCÊ GUARDEI O AMOR –
Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3.000, Barra da Tijuca)
13/11, às 21h30 | Ingressos a partir de R$ 150 e R$ 75 (meia)

Leo Aversa/Divulgação



Nando Reis para este show as canções mais românticas de sua obra

Lívio Campos/Divulgação



Leo Russo canta seu ídolo

Em clima de boteco, Leo Russo canta João Nogueira

João Nogueira completaria 85 anos nesta quinta (12), e a festa marcada é de outro tipo: no sábado (14), Leo Russo sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras com "Leo Russo Canta João Nogueira", show que monta na cena um bar completo — garçom, petiscos, bebidas, sambas e histórias — para celebrar o fundador e eterno presidente do Clube do Samba.

"Os discos e as músicas do João fazem parte da minha vida. Desde moleque, ele sempre foi um dos meus grandes ídolos no samba", conta Leo, autor de "João do Méier", samba em tributo ao mestre cujo clipe foi gravado na rua onde o homenageado nasceu. No setlist, clássicos como "Súplica", "Espelho", "Mineira", "Nó na Madeira" e "Poder da Criação".

A direção e o roteiro são de Marcos Salles, que assistiu três vezes à apresentação de João Nogueira com Sérgio Cabral, em 1978, no Teatro Dulcina, e se inspirou nesse formato. O sonho antigo dos dois ganha reforço de peso: a participação de Didu Nogueira, sobrinho do homenageado, e a companhia de dois gigantes da harmonia do samba, o cavaquinista Márcio Vanderlei e o violonista Paulão 7 Cordas.

Leo Russo foi revelado ao grande público em 2011, ao vencer o concurso de novos talentos do Carioca da Gema, e cresceu apadrinhado por Beth Carvalho e Rildo Hora. O premiado "Canto do Leo" lhe rendeu indicação ao Prêmio da Música Brasileira como Melhor Cantor, concorrendo com Roberto Carlos. Depois do Rival, ele segue com sua roda mensal "Samba do Leo Russo", todo terceiro sábado do mês no Bar Ferreirinha, no Méier. **(A.N.)**

SERVIÇO
LEO RUSSO CANTA JOÃO NOGUEIRA
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Centro)
14/11, às 19h30
Ingressos a partir de R$ 50

Tom Zé **noventou!**

Cantor e compositor baiano retorna ao Circo Voador em data extra do show que celebra suas nove primaveras

A festa de 90 anos de Tom Zé no Circo Voador não coube numa noite. A primeira rodada, em 9 de outubro, esgotou os ingressos dias antes — a casa anunciou a data extra e a casa reabre as portas nesta sexta-feira (13), dois diuas depois do aniversáriodo maus tropicalista dos tropicalistas.

Tom Zé noventou com a disposição de sempre em desorganizar o que houver de mais previsível na música brasileira. Nascido em Irará, no sertão baiano, ele ocupou na Tropicália um lugar à parte: em vez de repetir as fórmulas do movimento, fez da canção um laboratório, com colagens, ruídos, instrumentos inventados e comentários sobre trabalho, consumo e desigualdade. Discos como "Grande Liquidação" (1968) e "Estudando o Samba" (1975) são exemplos de sua rebeldia e inventidade musical.

Na obra de Tom Zé, humor é ferramenta crítica; precariedade de material é força de invenção. E aquilo que soa popular à primeira audição geralmente nasce sob o signo do desvio: uma palavra que desmonta o refrão, uma batida fora do lugar... A matéria da criação musical desse artista é o cotidiano. Foi essa obra inquieta que David Byrne (ex-Taljing Heads) resgatou no fim dos anos 1980, ao relançar os discos do baiano nos Estados Unidos e apresentá-lo a uma audiência internacional.

A temporada de aniversário passou pelo Sesc Pompeia, em São Paulo, em outubro. No Circo, a programação da extra inclui ainda o projeto Antropoceno e um DJ set de Tata Ogan — na primeira noite, a discotecagem ficou com Marcello MBgroove. **(A.N.)**

Divulgação



Tom Zé mantém até hoje o espírito tropicalista

SERVIÇO
TOM ZÉ – 90 ANOS
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa). 13/11, às 20h (abertura dos portões).
Ingressos: R$ 180 e R$ 90 (meia)

Bossa, samba e Noel Rosa no **aniversário da Acaso Cultural**

Casarão de Botafogo que completa um ano recebe Jaques Morelenbaum, roda e aula-espetáculo sobre o Poeta da Vila

AFFONSO NUNES

A Acaso Cultural, casarão centenário de Botafogo que completa um ano em novembro, dedica o fim de semana à música brasileira em três formatos: o encontro de Fred Martins com o violoncelista Jaques Morelenbaum na sexta (13), a roda de samba "Corações Brasileiros" no sábado (14) e a aula-espetáculo "Noel Rosa: Poesia e Prosa", com Geraldo Carneiro e Alfredo Del-Penho, no domingo (15).

Na sexta, às 20h, "Vertentes da Bossa" reúne voz, violão e violoncelo para investigar os desdobramentos da bossa nova na canção brasileira. No repertório, obras de Chico Buarque, Gilberto Gil, Edu Lobo, Sueli Costa, Milton Nascimento, Lô Borges e Paulinho da Viola.

No sábado, às 18h, a roda "Corações Brasileiros" ocupa a Sala Acaso com Tiago Machado no violão, Patrícia Duarte na voz, Thiago Ferrare no cavaquinho e Diego Zangado na percussão. O repertório percorre Cartola, Dona Ivone Lara, Elton Medeiros e Tom Jobim, além de sambas de terreiro, sambas-canção e composições autorais com arranjos originais. O térreo fica sem cadeiras, e o público pode consumir bebidas dentro da sala, no clima das rodas cariocas. Zangado já acompanhou Chico Buarque, Dona Ivone Lara e Guinga.

Divulgação



Em um ano de existência, a Acaso Cultural conquistou o público e a classe musical

No domingo, às 18h30, "Noel Rosa: Poesia e Prosa" leva ao palco o poeta Geraldo Carneiro, membro da Academia Brasileira de Letras, e o cantor e violonista Alfredo Del-Penho. Entre canções e histórias, a aula-espetáculo revisita o compositor de Vila Isabel, morto aos 26 anos em 1937, com destaque para "Conversa de Botequim" e "O Gago Apaixonado".

Em um ano de atividades, a Acaso reuniu quase 100 shows e mais de 500 artistas e profissionais da cultura, entre eles Carlos Malta, Guinga, Cristovão Bastos e Moacyr Luz. A Sala Acaso, projetada para música ao vivo, tornou-se referência pela qualidade acústica. A casa abriga ainda livraria, galeria e o restaurante Nonô.

A rogramação de aniversário segue ao longo do mês: "Eu, Moacir Santos", com Aline Paes e Pedro Franco, no dia 20; "Lobo por Lobo", de Bernardo Lobo, no dia 21; e "Gafieirando", de Daniela Spielmann com participação de Guinga, no dia 26, entre outras atrações.

SERVIÇO

VERTENTES DA BOSSA: 13/11, às 20h
CORAÇÕES BRASILEIROS – RODA DE SAMBA: 14/11, às 18h
NOEL ROSA: POESIA E PROSA: 15/11, às 18h30
Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo)
Ingressos entre R$ 55 a R$ 200

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Três dias de samba no Capanema

Reprodução - Redes Sociais



O Próxima Parada Samba ocupa o Palácio Gustavo Capanema de sexta a domingo (13 a 15), com entrada franca. A roda de Délcio Luiz abre o festival na sexta, às 20h, com participações de Zélia Duncan e Pedro Luís; no sábado, a parceria é com o Vaca Profana; no domingo, o Samba da Cura, comandado por Carlinhos 7 Cordas, recebe Diogo Nogueira (foto), Xande de Pilares, Pedro Luís e Zélia Duncan.

Decco Torres no embalo da Black Music

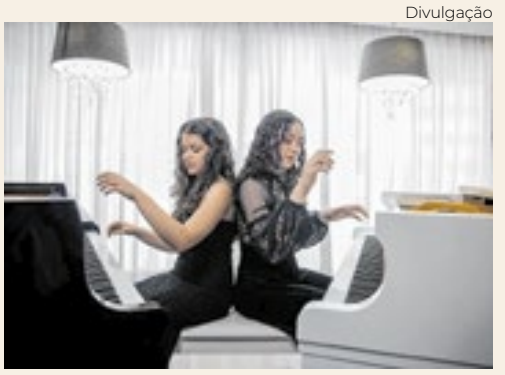
Divulgação



Decco Torres apresenta o álbum "Neo" no Teatro Rival Petrobras nesta sexta (13), às 19h30. Produzido por William Magalhães, da Banda Black Rio, o disco reúne soul, disco funk, trap e MPB numa celebração dançante da black music carioca. Além das faixas inéditas, o repertório homenageia Hyldon, Tim Maia, Sandra Sá e Emílio Santiago, com releitura de "Rock with You", de Michael Jackson. Entre R$ 60 a R$ 170.

Jovens virtuoses do piano na Cecília Meireles

Divulgação



Olívia Tebaldi, de 15 anos, e Sara Canal, 14, dois prodígios capixabas do piano, tocam com a Orquestra Sinfônica Juvenil Chiquinha Gonzaga, regida por Priscila Bomfim, no domingo (15), às 11h, na Sala Cecília Meireles. O destaque é o Concerto para dois pianos, K. 365, de Mozart, com as duas ao palco ao mesmo tempo. Ingressos a R$ 20 e R$ 10 (meia).

Swing Spots leva seu baile vintage ao Manouche

Divulgação



O Manouche recebe nesta sexta (13), às 20h, o baile "Swing, baby, swing", com aulão de dança e show da banda carioca Swing Spots. Formada em 2016 para animar pistas, a banda de Maria Accioly (voz) e Klauber Fabre (guitarra) revisita o swing jazz dos anos 1920 a 1940, somando blues, boogie, gypsy e brasileiras pós-70. R$ 120 e R$ 60 (meia ou solidário, com 1 kg de alimento ou livro).

Divulgação



Além de ator e roteirista, Rafael Infante estuda psicologia e uma de suas pesquisas virou a matéria-prima para sua 'Terapia Infernal'

Rafael Infante **põe o diabo no divã**

Solo do comediante do Porta dos Fundos faz duas sessões no fim de semana em teatros de Nova Iguaçu e da Ilha do Governador

A comédia "Terapia Infernal", de Rafael Infante, volta ao Rio nesta semana com duas sessões: sexta-feira (13), às 19h, no Teatro Nova Iguaçu Petrobras; e sábado (14), no mesmo horário, no Teatro da Ilha, na Ilha do Governador. Em cena, Infante vive Lúcio, o anjo caído que escolhe a dedo seus pacientes — e deles extrai as observações mais relevantes sobre a humanidade atual, com humor e musicalidade.

Quem verdadeiramente tem coragem de se expor para si? Quem consegue habitar essa zona desconfortável do questionamento? Que personagem sustentaria uma análise perante a todos nós? As perguntas abrem o espetáculo, que nasce de uma imensa pesquisa elaborada pelo artista sobre as questões da existência: o medo, a angústia, o prazer, a falta, a culpa, o amor e a fé. A lista não é por acaso — Infante é ator, diretor, músico, roteirista e estudante de psicanálise.

"Eu pirei muito na pandemia. Fiquei angustiado achando que a gente ia sair menos egoísta e mais altruísta. E achei a humanidade muito egoísta", comenta. "Aí veio essa sementinha: o diabo começou a ficar sem função, porque a humanidade estava ocupando o que ele deveria fazer. Então ele pede pra Deus para ir à Terra entender quem são essas pessoinhas", detalha. "Fui entendendo que estava usando essa pesquisa para o meu trabalho também de ator e diretor", avalia.

Sem julgamento, Lúcio convida os espectadores a uma sessão com seus sentimentos mais profundos. A montagem tem um pacto com o riso, com a gargalhada frouxa e genuína, e leva o próprio ator e seu público a uma catarse de autorresponsabilidade e alegria — numa dança sincera entre o artista e o observador, da qual, segundo a proposta da montagem, todo mundo sai mais feliz e mais ativo. "A base de tudo é a comédia. 'Terapia Infernal' é, antes de qualquer coisa, um espetáculo pra fazer rir — rir bastante", define Infante.

> *"O diabo começou a ficar sem função, porque a humanidade estava ocupando o que ele deveria fazer. Então ele pede pra Deus para ir à Terra entender quem são essas pessoinhas"*
>
> **RAFAEL INFANTE**

A trajetória do comediante ajuda a explicar o apetite pelo palco. Infante nasce do teatro e no teatro é criado: começou no grupo de improvisação Avacalhados e, em seguida, integrou o Porta dos Fundos, do qual é um dos rostos mais conhecidos. Sua capacidade de interpretar personagens desde os mais excêntricos até os mais cotidianos o levou também à televisão, em programas de humor e novelas, e a uma carreira notável no cinema. No teatro, o seu "Infantaria", solo que circulou por diversos estados em 2015, foi visto por mais de 400 mil espectadores.

Em 2026, "Terapia Infernal" atravessou o país: é com ele que Infante viaja o Brasil desde o início do ano. O texto é de Infante em parceria com Tatiana Novais, com direção e operação de som e luz de Moisés Bittencourt, produção executiva de Zezé Fassina e produção de Iniciato Produções e Lua Branca Produções.

SERVIÇO
TERAPIA INFERNAL
13/11, às 19h: Teatro Nova Iguaçu Petrobras (Rua Coronel Bernardino de Melo, 1081, K11, Nova Iguaçu)
14/11, às 19h: Teatro da Ilha (Estrada do Galeão, s/nº, ao lado do Colégio Capitão Lemos Cunha, Ilha do Governador). 14/11, sábado (19h)
Ingressos entre R$ 25 a R$ 120

Uma escola de guitarras distorcidas na EcoVilla Ri Happy

Divulgação



Escola do Rock

O musical "Escola do Rock" estreia nesta sexta-feira (13) na EcoVilla Ri Happy, no Jardim Botânico. A montagem brasileira, do Centro de Estudos e Formação em Teatro Musical (CEFTEM), fica em cartaz até 13 de dezembro, com sessões às sextas, às 19h30, e aos sábados e domingos, às 15h.

A história nasceu no cinema: o filme "School of Rock", escrito por Mike White e estrelado por Jack Black, chegou às telas em 2003. Dirigido por Richard Linklater, o filme rendeu a Jack Black uma indicação ao Globo de Ouro de melhor ator em comédia ou musical e um MTV Movie Award de melhor performance cômica, além de indicação ao Grammy pela trilha sonora — e mais de US$ 131 milhões de bilheteria.

Mais de uma década depois, a trama ganhou os palcos da Broadway, em 2015, com canções de Andrew Lloyd Webber, letras de Glenn Slater e dramaturgia de Julian Fellowes.

A trama acompanha Dewey Finn, cantor e guitarrista que sonha em se tornar uma estrela do rock. Ao se passar por um professor substituto em uma escola prestigiada e conservadora, Dewey descobre que seus alunos são talentosos e forma um grupo com um grande objetivo: ganhar a Batalha das Bandas.

A versão brasileira é assinada por Mariana Elizabetsky e Victor Mühlethaler, com direção geral de Victor Maia e direção musical de Carol Saboya. A montagem reúne mais de 46 artistas de idades variadas, com crianças e adolescentes no palco.

SERVIÇO
ESCOLA DO ROCK
EcoVilla Ri Happy (Espaço Tom Jobim, Rua Jardim Botânico, 1008)
Até 13/12, sextas (19h30), sábados e domingos (15h)
Ingressos: R$ 90 e R$ 45 (meia)

CRÍTICA TEATRO | BOCA DE OURO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Cláudia Ribeiro/Divulgação



Tuca Andrada desenha o protagonista com aspereza, carisma e força

Assim é, se lhe parece

Parido por uma mãe pândega num reservado de gafieira, relegado à condição de excremento, "Boca de Ouro", de Nelson Rodrigues, almejou transformar sua ferida inaugural, transmutando fezes em ouro, dor em potência. Diante da degradação, miserável e revoltado contra a condição humana, determina o caminho da força desmesurada para alcançar a invulnerabilidade a que aspira.

Aclamado como o "Drácula de Madureira", a personagem é um bicheiro, déspota incansável, através do qual o maior dramaturgo brasileiro subverte, mais uma vez, a estrutura dramática, rompendo com a linearidade narrativa e a composição de uma verdade subjetiva na trama.

O autor ainda fabula uma ambiguidade para o protagonista, onde o público não detecta exatamente quem ele é. A peça esfacela a ordem cronológica tradicional e retrocede à um passado que pode ser forjado. Após ser assassinado, a história ganha contornos obscuros em versões distintas reveladas por uma ex-amante, que se rende à imprensa sensacionalista.

A direção ritualística de Sérgio Módena é um acerto. Dispõe seus atores para assistirem à encenação, além de instituir um ballet com aquelas bandejas de necrotério na cenografia de Aurora dos Campos, que auxilia a vigorosidade cênica, fomentando uma dinâmica repleta de beleza.

Equaliza seu elenco, aplicando uma embocadura de época. Marcas de apoiar seus intérpretes por cima do cadáver, como a que D.Guigi serve o café sobre o corpo de Leleco, são perfeitamente patéticas. Há uma plasticidade fúnebre e poética, além de um ritmo adequado, pelos quais somos fisgados todo o tempo.

Ótimo ator, Tuca Andrada desenha o protagonista com aspereza, carisma e força. Joga propositadamente, por vezes, seu texto fora, com nuances de humor ácido, sem perder o controle técnico. Mara Clara Aquino é uma grata surpresa, na medida que compreende as facetas de sua Celeste. Concentrada e com uma teatralidade pungente, explora seu corpo e se abrilhanta sustentada por um timbre vocal aprazível. Ana Velloso, como dona Guigui, emprega rompantes, através dos quais reverbera divertimento e estranheza concomitantemente, enriquecendo as cenas. Gustavo Wabner trafega seu Leleco por emoções distintas, abrindo e fechando o espetáculo com determinação. Seguro, Antônio Gonzales delineia corporeidade factível, iluminando a submissão de seu Agenor. Jessé Scarpellini tira bom proveito do jornalista e, Cássia Sanches fulgura elegância e sabedoria, amparados por oportuna preparação corporal de Toni Rodrigues.

Karen Brusttolin investe na memória ao fundamentar seu figurino na cor sépia, enquanto Tomás Ribas já mostra a que veio assim que deflagra cor quente no consultório dentário, expondo luminárias e ruas que potencializam a dramaticidade. A direção musical de Guilherme Gila imprime um tom melodramático à obra.

O dramaturgo italiano Luigi Pirandello já se debruçou sobre a ideia, e Nelson Rodrigues nos aproxima de um mundo onde a verdade se apresenta enigmática.

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Dalton Valério/Divulgação



Instagram como oráculo

O espetáculo "O Extermínio da Cegonha", com dramaturgia de Pedro Uchoa, usa a estrutura das tragédias gregas clássicas para falar de agora: Samuel, torcedor solitário numa noite de véspera de feriado, dá uma olhada na rede social e encontra a namorada da adolescência — e o Instagram age como um oráculo. Com Higor Campagnaro em cena, o espetáculo mede a solidão de quem vive hiperconectado. É a última semana no teatro do Espaço Cultural Sérgio Porto, no Humaíta. A temporada se encerra neste domingo (15).

Wilmar Carvalho/Divulgação



Criatura recusa o criador

"Frankenstein" e "Frankinh@ — uma história em pedacinhos", do Coletivo Gompa, trazem a autora britânica Mary Shelley (1797-1851) em duas versões, com direção de Camila Bauer, premiada com o Shell, no CCBB Rio até 15/11. Na montagem adulta, a criatura ganha corpo feminino e recusa a submissão ao criador — leitura decolonial da formação da sociedade brasileira. Na infantil (foto), Victor cria uma companhia para si e descobre que a criatura tem vontade própria. Ingressos: R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia).

Divulgação



Segredos desenterrados

"O Formigueiro", texto de estreia de Thiago Marinho como autor solo, nasce da convivência com a avó em estágio avançado de Alzheimer. Numa tarde única, três irmãos se reencontram no almoço de aniversário da mãe, Gilda, quando chega de surpresa o cunhado, envolvido em escândalo de corrupção. O reencontro familiar desperta traumas, disputas e um segredo guardado por décadas vem à tona. Supervisão e direção de João Fonseca. Sessão única no Teatro da Ilha, na Ilha do Governador, neste domingo (15), às 19h

SEXTOU! UM DF DE C

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

TEATRO

Espetáculo Revoada

✱A Tramela Cia Teatral apresenta o espetáculo Revoada Contida – O Rito dos Pássaros nos dias 23 e 24 de novembro, no CEU das Artes da QNM 28, em Ceilândia Norte. A montagem utiliza uma comunidade de pássaros para abordar desigualdade, fome, autoritarismo e disputas de poder. A trama começa quando a falta de alimentos provoca uma crise e expõe mecanismos de controle social. Com direção de Gabriela Vasconcelos, a peça terá cinco sessões gratuitas, com ingressos disponíveis pela plataforma Sympla.

O Julgamento de Medeia

✱A peça-performance O Julgamento de Medeia, escrita e encenada por Roberta Arcoverde, estreia no Teatro dos Ventos, em Águas Claras, com temporada de 13 a 22 de novembro. Inspirado no mito grego de Medeia, o monólogo aborda questões relacionadas ao papel da mulher na sociedade e aos padrões de gênero. A montagem tem direção artística de Fernando Martins e música ao vivo de Diogo Vanelli. Os ingressos custam R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia). Aos domingos, às 17h, a entrada é gratuita para mulheres.

Projeto Felicidade

✱O Projeto Felicidade celebra 10 anos com o espetáculo Onde há felicidade, apresentado nesta quinta e sexta-feira (12 e 13), às 20h, no Teatro Sesc Paulo Autran, em Taguatinga Norte. A montagem reúne jovens e adultos LGBTQIA+ que participaram de oficinas teatrais e criaram uma dramaturgia coletiva sobre identidade, preconceito, moradia e pertencimento. A história acompanha um grupo que tenta proteger a própria casa de uma ameaça de despejo. Criado pelo dramaturgo Alexandre Ribondi, o projeto oferece formação artística e tem fomento do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal. As apresentações são gratuitas e têm classificação indicativa de 14 anos.

A Alma Imoral

✱O espetáculo A Alma Imoral, protagonizado por Clarice Niskier, chega à Mostra Teatral de Brasília para três apresentações no Teatro Brasília Shopping, de 20 a 22 de novembro. Em cartaz há 20 anos, a peça é adaptada do livro homônimo de Nilton Bonder e aborda temas como corpo e alma, certo e errado, obediência e desobediência. A atriz apresenta histórias da tradição judaica e propõe reflexões sobre escolhas e contradições da vida cotidiana. As sessões serão às 20h, na sexta e no sábado, e às 19h, no domingo. Os ingressos custam R$ 60 (meia) e R$ 120 (inteira), com opções populares de R$ 20 e R$ 40, sujeitas à lotação.

Isaac Alencar



Espetáculo Revoada Contida – O Rito dos Pássaros apresenta fábula política

Divulgação



VEXORA Festival estreia em Brasília

Divulgação



Grafite de Planaltina ganha espaço em galeria

"Águas e Sereias"

✱A contação de histórias "Águas e Sereias" percorre bibliotecas públicas e comunitárias do Distrito Federal em novembro, com apresentações gratuitas para crianças de 0 a 10 anos. A atividade integra o projeto "O CantoAr da Serena" e combina música, teatro, brincadeiras e lendas brasileiras para abordar a preservação da água e do Cerrado. Na história, a menina Baraúna parte em busca da origem da água e encontra personagens da cultura popular, como a Mãe d'Água e o Velho Chico. A programação inclui sessões na Asa Sul, Paranoá, Ceilândia, Candangolândia e Núcleo Bandeirante. Cada biblioteca participante receberá 20 exemplares do livro "Serena".

Venâncio Cultural

✱A performance imersiva "Mulheres que Correm com os Lobos", criada e dirigida por Luciana Martuchelli, será apresentada neste sábado (14) e domingo (15), no Venâncio Cultural, no Venâncio Shopping, em Brasília. O trabalho reúne 12 mulheres em cena e parte de contos populares abordados no livro homônimo da psicanalista Clarissa Pinkola Estés. A montagem é dividida em duas partes independentes: "Legado", às 17h, trata de experiências ligadas à maternidade; e "Origens", às 20h, aborda o instinto feminino e a relação entre mães e filhas. Cada sessão tem duração de 70 minutos e capacidade para 60 pessoas. Os ingressos custam R$ 60 (inteira) e R$ 30 (meia), pelo Sympla.

EXPOSIÇÃO

Grafite em Planaltina

✱Dez grafiteiros de Planaltina vão produzir obras ao vivo na próxima segunda-feira (16), das 16h às 20h, no Complexo Cultural da cidade. A atividade marca

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



“Uma Noite com os Bee Gees” chega a Brasília

Divulgação



Espetáculo O Julgamento de Medeia

Divulgação



Venâncio Cultural recebe performance

Divulgação



Projeto Felicidade celebra 10 anos

Divulgação



Remoda: festival gratuito de moda circular

o início do projeto Galeria de Rua – Arte que Mora Aqui, que prevê a criação de dez trabalhos inéditos em quadros. As obras integrarão uma exposição itinerante que passará por dez espaços do município até o fim de dezembro, incluindo praças, feiras, escolas e áreas comerciais. A iniciativa tem fomento do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF) e busca divulgar a produção artística local. A entrada é gratuita.

“A Cela de Cima”

✱O artista visual e filósofo Ivaan Hansen apresenta a exposição A Cela de Cima, na Casa dos Arcos, em Goiânia. A mostra reúne pinturas que abordam conflitos internos, memória, identidade, liberdade e emoções humanas. Nas obras, figuras e rostos aparecem associados a gaiolas, pedras e estruturas que simbolizam limitações e experiências individuais. A exposição tem entrada gratuita e poderá ser visitada até 16 de fevereiro de 2027.

FESTIVAL

VEXORA Festival

✱A primeira edição do VEXORA Festival – The New Metal Era será realizada em 5 de dezembro, no Raven Hall & Pub, no Guará. O evento terá seis bandas do Distrito Federal e de Goiás em tributos a Creed, Avenged Sevenfold, Linkin Park, Korn, System of a Down e Slipknot. Os portões abrem às 16h, com apresentações a partir das 17h e encerramento previsto para as 3h. A programação inclui DJ nos intervalos. Os ingressos estão à venda pela Articket, com valores a partir de R$ 60. A classificação é livre, mas menores de 18 anos precisam de acompanhamento e autorização de um responsável.

Festival Remoda

✱O festival Remoda reúne mais de 80 expositores de moda sustentável, brechós, artesanato e gastronomia no Viaduto da Galeria dos Estados, em Brasília, no dia 14 de novembro, das 11h às 17h. A programação gratuita inclui apresentações dos DJs Fraktal e Umiranda, além de shows de Bwayne, JoJo e JWellz. O evento também terá Leviski como mestre de cerimônias. Criado em 2021 pela produtora cultural Rafaela Lacerda Fernandes, o projeto busca incentivar o consumo consciente.

Bee Gees

✱A banda argentina Geminis apresenta o espetáculo “Uma Noite com os Bee Gees” em Brasília, no dia 19 de novembro, no Auditório Planalto do Centro de Convenções Ulysses Guimarães. Pela primeira vez no Brasil, o tributo terá acompanhamento de uma orquestra ao vivo, sob regência do maestro Dhouglas Umabel. Criada em Buenos Aires, em 1999, a banda reproduz o repertório e os arranjos vocais dos irmãos Barry, Robin e Maurice Gibb.

PROJETO

✱O Eixo inicia, em 17 de novembro, cursos gratuitos de aquarela e de produção de foto e vídeo com celular, no Setor Comercial Sul, em Brasília. As formações têm 25 vagas cada e são destinadas a pessoas a partir de 16 anos. As aulas serão ministradas pelos artistas Helton Azevedo e Elimar Caranguejo. As inscrições podem ser feitas pelo Instagram @eixo.scs.

Cinema (brasileiro) é a maior reflexão

Uma leva de sete longas nacionais, com grifes autorais como Helvécio Ratton, pede passagem pelo circuito neste fim de semana, com temas inflamáveis, numa fase de bilheterias altas para o país

O2 Play



'Só Não Posso Dizer O Nome' é baseado numa graphic novel chilena

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Depois de uma espessa marola de falta de diálogo com as multidões que sempre o seguiram, o cinema brasileiro enfim vive uma fase de lucros altos, não apenas pelos 6.115.569 de tíquetes vendidos por "Minha Melhor Amiga", de Susana Garcia, mas pelo bom resultado (leia-se 316 mil pagantes) na abertura de "Os Farofeiros 3", que chegará a meio milhão de espectadores já, já. Paralelamente, "Feito Pipa", nosso representante oficial na corrida por uma vaga no Oscar, levou 99 mil pessoas às salas de projeção onde comove plateias narrando a luta de um garoto queer em prol de sua avó.

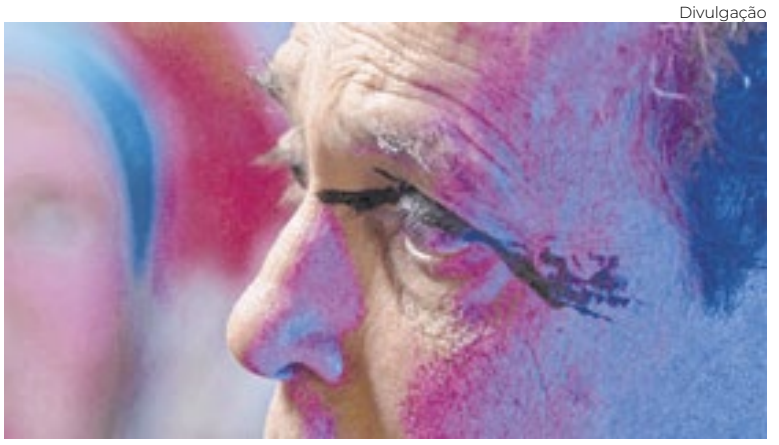
Nesse cenário onde números otimistas começam a se firmar, uma esquadra de peso, com DNA nacional, entra em circuito neste fim de semana. A Filme B, portal que analisa as receitas do audiovisual no país, registra que sete longas-metragens vindos de diferentes cantos do país batem à porta dos multiplexes hoje. São eles "Deixe-me Viver", de Walther Neto; "Peixe Abissal", de Rafael Saar; "Só Não Posso Dizer o Nome", de Helvécio Ratton; "As Benzedeiras", de Labibe Araújo; "A Virada - Ignição da Alma", de Alessandro Barros; "Nação Ubuntu – A Voz dos Silenciados", de Paulo Henrique Fontenelle; e "A Tropa de Goiânia", de João Lucas Ribeiro e Iuri Moreno. Cada um, a seu modo, debate urgências, violências e carências de nosso povo.

Divulgação



'As Benzedeiras' une espiritualidade, fé, e ancestralidade

Divulgação



'Peixe Abissal' mergulha no universo lírico de Luís Capucho

"Só Não Posso Dizer o Nome", de Helvécio Ratton, chega de Minas Gerais e se impõe como o mais aguardado desses títulos - em parte pela vasta e premiada quilometragem de seu diretor. "O Lodo", de 2020, foi seu exercício autoral anteior, mas ele traz consigo marcos das telas como "Menino Maluquinho - O Filme", de 1995. Seu regresso se dá numa nova adaptação de quadrinhos, numa troca com a artesania gráfica da chilena Nati Chuleta, a fim de denunciar abusos sexuais cometidos por homens contra filhas ou enteadas.

Com sua maestria habitual, Ratton mistura live action e animação para contar a história de Tina, uma jovem que decide denunciar à Justiça o abuso sexual cometido pelo padrasto durante sua infância, enfrentando a resistência da própria família. O roteiro traz a assinatura de Laura Barile e Pilar Fazito ao lado do cineasta, que escalou Lara Martinelli e Laura Del Picchia para interpretar Tina em diferentes fases da vida.

No âmbito documental, o longa que mais promete reverberar entres os estreantes da semana é "Peixe Abissal", de Rafael Saar. Exibido na Mostra Aurora da 26ª Mostra de Cinema de Tiradentes, a produção mergulha no universo lírico do escritor, cantor e compositor capixaba Luís Capucho. Retrata a trajetória do artista que transformou a convivência com o HIV e as sequelas físicas de suas doenças em matéria de reinvenção artística. Saar registra os caminhos de Capucho desde a sua infância em Cachoeiro de Itapemirim - e juventude em Niterói - até a consolidação de sua carreira na literatura, pintura e música. O filme resgata momentos decisivos de sua vida, como o diagnóstico com a palavra AIDS, nos anos 1990, e o período de coma em 1996, decorrente de uma neurotoxoplasmose. A partir do processo de recuperação e do reencontro com a própria voz, o artista reconstruiu a sua expressão criativa por meio de canções emblemáticas e os livros "Cinema Orly" (1999) e "Mamãe Me Adora" (2012).

Para semana que vem, a aposta do Brasil é "O Projeto", de Sabrina Fidalgo e Yvan Rodic, um ensaio sobre os ranços coloniais que alimentam as engrenagens do racismo. No dia 19, será lançado tambem a ficção

"Fogaréu", longa da goiana Flávia Neves que foi laureado com um prêmio de voto popular na Berlinale. Após a morte da sua mãe adotiva, Fernanda (papel de Bárbara Colen) volta para sua cidade natal em Goiás, dominada por uma elite rural conservadora. Em busca de justiça e da sua verdadeira identidade, Fernanda confronta os segredos da família e se torna uma ameaça à reeleição de seu tio, o prefeito da cidade.

São muitos Brasis. Um mais bonito que o outro.

ENTREVISTA | **HELVÉCIO RATTON**

DIRETOR E PRODUTOR

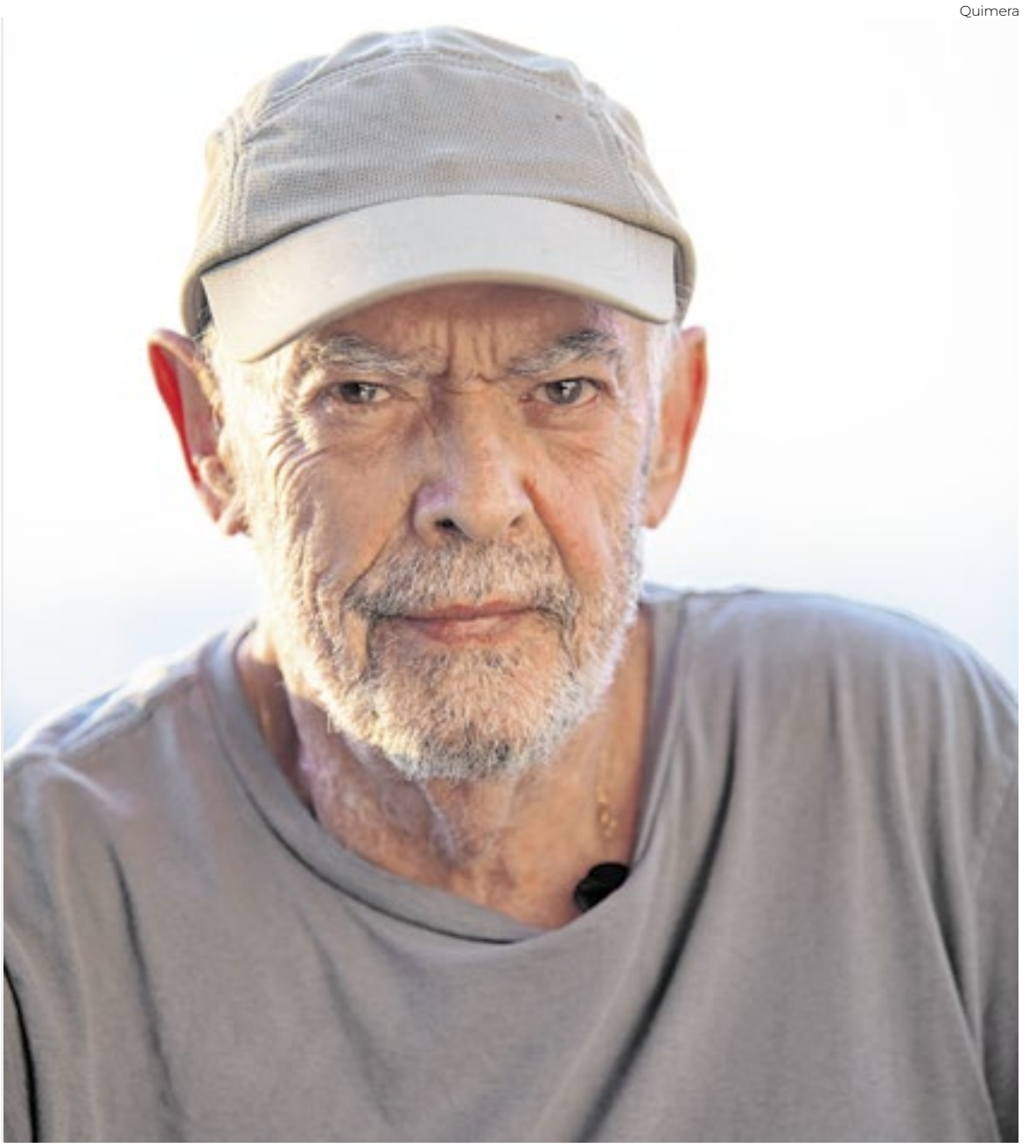
‘Está mais do que na hora de os homens entrarem nessa conversa’

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Ciente de que seu “Só Não Posso Dizer o Nome” é um filme para guerras, no combate a ranços sexistas históricos, o realizador de “A Dança dos Bonecos” (1987) e “Batismo de Fogo” (2006) afirma o CEP de seu filme com orgulho de sua terra natal: “É um filme mineiro. O elenco é de Minas. Filmei em Belo Horizonte”. Aos 77 anos, Helvécio Ratton regressa ao circuito carregado dessa mineiridade, mas buscando conexão com o Chile – onde viveu parte de sua juventude, a partir de seus 18 anos – por meio de um diálogo com a autora da HQ “No Abuses (De Este Libro)”, a quadrinista Nati Chuleta. No papo a seguir, o realizador – famoso por sua destreza irretocável à direção – explica como tirou do universo de Nati a saga de Tina, jovem que foi abusada pelo padrasto e decide reagir.

Família é um tema que sempre ocupou um lugar importante no seu cinema. Em “Só Não Posso Dizer o Nome”, porém, ela aparece associada a um espaço de violência e desamparo. Como essa contradição entrou na construção do filme?

HELVÉCIO RATTON — Sou mineiro. A tradição familiar em Minas tem um peso muito grande. No caso desta história, a família deixa de ser, de fato, um lugar de acolhimento. Tina é abusada pelo padrasto e precisa enfrentar a própria família para conseguir superar o que aconteceu. Mas essa é uma situação universal. Não é uma história apenas chilena, mineira ou brasileira. Acontece em todos os lugares. A mãe que, num determinado momento, não escuta a filha é uma figura muito recorrente. Desde que comecei a trabalhar no filme, ouvi uma quantidade imensa de relatos semelhantes. A família deveria ser o primeiro lugar de acolhimento, mas muitas vezes não é. Muitas vezes, não consegue suportar a situação. E o remédio mais utilizado acaba sendo o abafamento, o silêncio. Um silêncio hipócrita.



Quimera

> “Quando comecei a falar que faria o filme, ouvi de algumas produtoras que eu não teria lugar de fala para tratar do assunto”

Seu cinema, desde a “A Dança dos Bonecos”, dá lugar, com frequência, a figuras femininas fortes, em luta, o que é o caso aqui. Como foi adaptar a experiência da chilena Nati Chuleta à realidade brasileira e construir a sua Tina?

A Nati escreveu e desenhou o livro quando tinha 16 anos. Conseguiu publicá-lo aos 23. Conheci a obra pouco depois e acabei comprando os direitos de adaptação. Chile e Brasil são países latino-americanos, têm semelhanças, mas também diferenças na sociedade e no comportamento das mulheres. Quando morei no Chile, no início dos anos 1970, encontrei mulheres muito mais reprimidas, mais caladas e silenciadas. Nos últimos anos, houve uma transformação importante, com o fortalecimento do movimento feminista por lá. Quis situar um pouco esse universo logo no início do filme, com uma animação em que uma princesa rejeita o príncipe de um conto de fadas. É uma maneira de mostrar onde está a cabeça daquela menina.

O senhor é pai de quatro mulheres - avô de uma. Como a experiência de paternidade se transformar no processo de contar uma história como essa?

Essa é uma questão que atravessa a posição dos homens, de maneira geral. Não quero olhar para o assunto apenas a partir da minha condição de pai. É uma questão que diz respeito aos homens numa sociedade em que os casos de abuso são cada vez mais numerosos e as histórias que ouvimos são cada vez mais assustadoras. Sempre foi algo que me preocupou. Tenho pensado muito em como essa conversa vem sendo conduzida no Brasil e acredito que também em muitos outros lugares. Muitas vezes, ela acontece apenas entre mulheres. Quando comecei a falar que faria o filme, ouvi de algumas produtoras que eu não teria lugar de fala para tratar do assunto. Mas parto justamente de uma posição contrária: está mais do que na hora de os homens entrarem nessa conversa, de os homens discutirem um tema que não diz respeito somente às mulheres.

O que falta para que essa participação masculina aconteça de maneira mais efetiva?

Quando você começa a ouvir os casos, percebe que há muito pouco posicionamento dos homens. E isso também aparece na Justiça, que é completamente masculina, patriarcal. Há juízes capazes de constranger as vítimas e inocentar os abusadores. Sinto cada vez mais a necessidade da presença dos homens nesse debate. Coloco-me nessa história como um pai que sempre se preocupou com o tema, mas também como homem, numa sociedade machista e atrasada como a nossa.

Você adaptou O Menino Maluquinho do Ziraldo nos anos 1990, numa prova prévia de que as HQs estão no seu radar. Agora vem esse quadrinho chileno. Qual é a sua relação com essa mídia, de balõezinhos?

Sou apaixonado por quadrinhos desde muito pequeno. Sempre gostei do Batman, mesmo achando o Super-Homem um chato. Tenho muitas HQs em casa e sempre me fascinou a liberdade dessa linguagem, sua anarquia e a possibilidade de saltos no tempo, algo diferente do cinema. Em “Só Não Posso Dizer o Nome”, foi um prazer enorme voltar a dialogar com essa arte, misturando animação e live-action para criar a Super Tina, alter ego da protagonista.

O senhor tem um novo filme já em preparação?

Tenho um documentário sobre o jogador do Galo (Atlético Mineiro) Reinaldo. Vai se chamar “Reinaldo de Punho Cerrado”, pela forma como ele comemorava os gols.

ANIMAGE

Victor Juca?/Divulgação



As apinhadas sessões do festival no Teatro do Parque

Frevo animado

Com pés no Recife e radar aberto ao mundo, o Animage chega à 16ª edição estabelecido como a maior vitrine sul-americana para quem faz desenho, stop-motion e peripécias afins

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Logo que os Minions chegaram ao Poder, nas eleições de 2018, o Brasil desanimou. Perdemos a mais antiga vitrine do país (e da América Hispânica) para desenhos, stop-motion, rotoscopias e computação gráfica: o Anima Mundi, que abriu em 1993 fechou as portas, ou melhor, telas, em 2019, sem deixar nenhum perfume de esperança de que voltaria. Quem segurou a dor do cinema, frente à carência por um grande festival animado, foi um evento criado em 2008 lá no Recife que, desde então, não fez outra coisa que não crescer e aumentar de prestígio. Essa festa pernambucana se chama Animage.

Sua edição deste ano, a de nº 16, abre na semana que vem, dia 20, com uma iguaria francesa badaladíssima em Cannes: "Jim Queen", de Nicolas Athané e de Marco Nguyen (que estará entre nós). Daí, suas atividades seguem até o dia 29 deste mês, com uma (espantosa) leva de 280 filmes, egressos de 60 países. Contemplado com o patrocínio Master da Petrobras e realização do Ministério da Cultura através da Lei Rouanet, esse arraial cinéfilo, com direção de Antonio Gutierrez e Lucianne Vasconcelos, mobiliza onze espaços da geografia recifense, incluindo salas icônicas como o Cinema São Luiz, Cinema da Fundação Derby, Cinema do Museu, Teatro Luiz Mendonça e Cinema da UFPE.

O evento conta também com sessões ao ar livre no Parque de Apipucos, Ilha de Deus, Praça do Hipódromo, Parque da Tamarineira, Praça da Várzea e Praça de Eventos da Lagoa do Araçá. "Uma das maiores contribuições do Animage é mostrar que podemos construir, a partir de Pernambuco, um festival de relevância internacional, sem perder nossa identidade e nossa relação com a cidade", diz Lucianne, ao Correio. "O festival nasceu no Recife e cresceu junto com seu público. Ao longo desses anos, ajudamos a formar espectadores, a despertar o interesse pela animação e a criar um espaço de encontro para artistas, realizadores e profissionais do audiovisual. E fazemos questão de manter o acesso gratuito, porque acreditamos que o cinema e a cultura precisam estar ao alcance de todos", destaca. Também existe uma dimensão muito importante de valorização da produção local. "Ao colocar realizadores pernambucanos e brasileiros em diálogo com profissionais e obras de diferentes países, contribuímos para ampliar a visibilidade da produção e criar possibilidades de colaboração", completa.

Divulgação



O Filho da Puta

Divulgação



Decorado

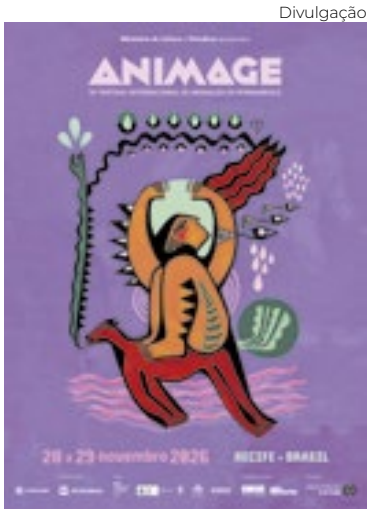
Entre as novidades da edição está a Sessão Petrobras - Mostra Competitiva de Longas-Metragens, que reúne dez produções de diferentes países. A seleção inclui "Blaise", de Dimitri Planchon e Jean-Paul Guigue (França); "Pla-

Divulgação



JIm Queen

Divulgação



Cartaz da 16ª edição do festival

Divulgação



Olívia and the Invisible Earthquake

Divulgação



Persépolis

Divulgação



Ghost Cat Anju

netas", de Momoko Seto (França/Bélgica); "Decorado", de Alberto Vázquez (Espanha/Portugal); "Bouchra", de Meriem Bennani e Orian Barki (Itália/Marrocos/Estados Unidos); "Anzu - O Gato Fantasma", de Yôko Kuno e Nobuhiro Yamashita (Japão/França); e "Olívia E O Terremoto Invisível", de Irene Iborra (Espanha/França /Bélgica/Chile).

A representação brasileira fica por conta de "O Filho Da Puta", dirigido por Erica Maradona, Otto Guerra, Tania Anaya e Sávio Leite. Selecionado para Annecy (a Meca da animação, na França), o longa meio mineiro, meio gaúcho ganhou menção honrosa na disputa do troféu Olhar Brasil do Correio da Manhã. Na trama, um jovem (na voz do cineasta Gabriel Martins) filho de uma prostituta tenta conhecer quem é seu pai.

"O Animage sempre foi um espaço de encontro entre diferentes culturas, linguagens e formas de enxergar o mundo. Acreditamos que o cinema, e especialmente a animação, tem uma capacidade extraordinária de atravessar fronteiras e abordar questões políticas, sociais e humanas com muita liberdade criativa", explica Gutierrez. "Vivemos um momento importante de retomada das políticas públicas para a cultura no Brasil, e isso é fundamental para que festivais como o nosso possam continuar existindo, crescendo e ampliando seu alcance".

Ele e Lucianne têm um corpo curatorial de peso. Nara Normande e Júlio Cavani integram a comissão de seleção da mostra competitiva de longas-metragens e curadora de mostras especiais. Kalor Pachecoé o curador da Mostra Africana de Curtas. Nara Aragão coordena a programação do Animage Conecta e é curadora da Mostra Erótica. Diego Ríos e Wilson Borja são curadores da mostra Anibia – Colômbia. Radhi Meron é curador da Mostra Parque.

Na competição de curtas-metragens, batem ponto 116 filmes nacionais e internacionais foram selecionados entre mais de 3 mil produções inscritas de mais de 115 países. Além das competições, o Animage apresenta 14 mostras especiais de curtas que combinam obras contemporâneas e produções de diferentes períodos da história da animação. Entre os clássicos selecionados estão "Equilíbrio", de Christoph e Wolfgang Lauenstein, vencedor do Oscar de Melhor Curta-Metragem de Animação em 1990. Nas paralelas de longas, estão títulos como "Amadeo E O Hipotético Mundo Novo", de Brenda Lígia e Edu Felistoque; "Cherry And Virgin", do japonês Masanao Kawajiri; e "Metaleiros Sensíveis", de Carlos Pérez-Reche e Joan Tomàs. Haverá ainda uma projeção de "Persépolis" (prêmio do Júri de Cannes de 2007), em tributo à morte de sua realizadora, a quadrinista e cineasta Marjane Satrapi.

"Tematicamente, a programação atravessa questões como identidade, sexualidade, memória, conflitos políticos, relações familiares e transformações sociais, mas também abre espaço para o humor, a fantasia e a experimentação", diz Gutierrez. "Uma das coisas mais bonitas da animação é justamente a liberdade de tratar assuntos complexos de maneiras tão diferentes. Mas existe também uma expansão geográfica dentro do próprio Recife que é essencial. O Animage ocupa salas de cinema e equipamentos culturais, mas também chega a parques, praças e comunidades por meio da Mostra Parque. Queremos que pessoas de diferentes bairros possam ter contato com o cinema de animação, muitas vezes pela primeira vez".

A vinda Marco Nguyen é uma das vitórias deste Animage, dada a badalação em torno de "Jim Queen". Nesse "A Gaiola das Loucas" do século XXI, em tom de alarmismo, uma doença que se chama Heterosis se espalha pelo país, transformando a população queer. Os homens gays se tornam hétero. O primeiro sintoma: a impossibilidade de se aplicar supositório.

"O 'Jim Queen' é uma obra provocadora, irreverente, que utiliza o humor e a linguagem da animação adulta para discutir sexualidade, identidade e preconceito. Acho muito interessante como a animação consegue abordar temas tão importantes sem abrir mão da ousadia estética, da fantasia e do absurdo", explica Lucianne. "O filme teve uma trajetória internacional de destaque, passando por festivais importantes como Cannes e Annecy, e poder apresentá-lo no Recife com a presença de um de seus diretores é uma oportunidade muito especial para o nosso público. Marco também participa de uma entrevista aberta na seção ANIMAGE Conecta, criando a possibilidade de uma conversa mais próxima com artistas, estudantes e profissionais brasileiros. Para nós, é justamente esse encontro que faz a diferença. Não se trata apenas de exibir um filme importante, mas de aproximar as pessoas que criam essas obras do público que as recebe".

Fragmentos do discurso amoroso... **à coreana**

Vencedor do Grande Prêmio do Júri de Veneza e cotado ao Oscar, 'Amor Possível' abre as veredas da Netflix para a estética autoral do prestigiado realizador sul-coreano Lee Chang-dong

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Tratado como presença obrigatória na corrida pelo Oscar de 2027, como representante oficial da Coreia do Sul, "Amor Possível" ("Possible Love") nasceu para o streaming, mesmo tendo os festivais de Veneza, Toronto e San Sebastián como seus primeiros berços. Ganhou um Leão de Prata na categoria Grande Prêmio do Júri, na disputa oficial da terra das gôndolas, cortando ali seu cordão umbilical com o útero cinematográfico no qual foi gestado, sob cuidados autorais do artesão Lee Chang-dong. Chega agora à Netflix... e para ficar (de vez), à força de críticas que o enquadram no ranking do melhor de 2026.

Nele, o aclamado realizador de "Sol Secreto" (2007) retoma o cinema de observação moral e social que marcou títulos como "Poesia" (2010) e "Em Chamas" (2018), desta vez colocando a intimidade de dois casais no centro de uma discussão sobre trabalho, poder e responsabilidade. Um regresso que procura compreender não apenas as feridas deixadas pelas desigualdades económicas, mas também aquilo que ainda pode aproximar pessoas que parecem viver em mundos inconciliáveis.

"No passado, muitas pessoas conseguiam encontrar a sua identidade através do trabalho que desempenhavam. Essa identidade constituía uma base para construir relações humanas. Hoje, com a perda do trabalho e dos empregos, estamos quase a perder também o nosso sentido de identidade", observa Chang-dong numa entrevista coletiva online que contou com o Correio da Manhã. "Levei esse projeto comigo por dez anos, pois queria levantar questões sobre o próprio amor. Não apenas sobre o amor romântico, mas sobre que tipo de amor é provável entre os seres humanos."

Conterrâneos de peso de Chang-dong andam encontrando apoio nas plataformas digitais, a começar por Park Chan-wook, de "Old Boy" (2004), que encontrou parceria com a MUBI ao lançar "A Única Saída" (2025). Antes, rodou uma minissérie, "O Simpatizante" (com Fernando Meirelles), ciente do apoio da HBO Max. O www.mubi.com agora prepara espaço para exibir em sua grade "Hope – O Primeiro Impacto", filme de monstro dirigido por Na Hong-jin, que foi brigar pela Palma de Ouro em Cannes.

Divulgação Netflix



Um quatrilho de desejos e dúvidas se forma entre os personagens centrais de 'Amor Possível', já na Netflix

Divulgação



Lee Chang-dong, aos 72 anos, ganhou o Leão de Prata de Veneza com seu novo filme 'Amor Possível'

Cada diretor desse tem sua assinatura autoral particular. Chang-dong filma desde a década de 1990 atento ao modo como a transformação do trabalho também afeta a identidade de cada indivíduo. Exercício narrativo mais recente desse aclamado realizador, "Possible Love" analisa as relações entre dois casais que seguem caminhos sociais distintos e precisam lidar com desejos até então ocultos. Mi-ok (Jeon Do-yeon) leva uma vida modesta ao lado do marido desempregado, Ho-seok (Sul Kyung-gu), e do filho pequeno, Cheol. Um funeral, porém, coloca a família no caminho de Ye-ji (Cho Yeo-jeong), documentarista dedicada a registrar a realidade de trabalhadores demitidos, e de seu marido, Sang-woo (Zo In-sung), cuja vida abastada contrasta radicalmente com a deles. Quando Mi-ok aceita participar das filmagens do documentário, aproxima-se de Ye-ji e começa também a sentir uma desconfortável atração pelo indecifrável Sang-woo. Os mundos dos dois casais começam a se misturar, expondo fissuras afetivas. A associação entre capital e grandes empresas tecnológicas, simbolizada no filme pela figura de Steve Jobs, amplia a discussão sobre as forças económicas que condicionam a vida privada.

Jeon Do-yeon, que interpreta Mi-ok, encontrou na delicadeza do roteiro uma das razões imediatas para aceitar o convite. "A razão pela qual topei este projeto, mesmo antes de ler o argumento, foi o facto de ser um filme de Lee Chang-dong", revelou a atriz na conferência virtual do longa. O título também despertou a sua curiosidade, sobretudo pela promessa de uma abordagem pouco convencional ao amor. "Depois de ler o script, fiquei muito impressionada com a forma como o realizador tinha desenvolvido esta história ao longo de mais de dez anos. A ressonância emocional permaneceu comigo durante muito tempo."

Na preparação da personagem, Jeon optou por uma abordagem que privilegiava a disponibilidade emocional em detrimento de uma construção excessivamente racional. "A única coisa que queria garantir era que sabia as minhas falas de cor. Para além disso, queria chegar ao set como se fosse uma página em branco." A atriz considera que a consciência coletiva do elenco sobre a história que estava a ser contada permitiu que as emoções surgissem de forma orgânica, sem necessidade de as forçar.

Um dos momentos que melhor sintetizam a transformação interior de Mi-ok envolve um arco-íris. Quando criança, a personagem tinha sido impedida pela mãe de fazer aquilo que desejava ao contemplar esse fenómeno natural. Já adulta, diante do próprio filho, a sua reação é diferente. Para Jeon, a imagem adquire sentidos distintos nas duas fases da vida: "O arco-íris representa coisas diferentes para a Mi-ok criança e para a Mi-ok adulta. Na infância, estava relacionado com a negação da sua liberdade. Em adulta, embora a faça recordar os primeiros anos, é nesse momento que usa a sua própria vontade para encontrar a liberdade."

É precisamente nessa tensão entre as marcas do passado e a possibilidade de transformação que Possible Love constrói o seu ensaio sobre afetos, num mundo cada vez mais fragmentado. Sua direção rigorosa abre espaço para pensar na relação entre a realizadora de documentários e aqueles que aceita filmar. "Quando seguramos uma câmara e filmamos alguém ou alguma coisa, a pessoa que está atrás da câmara tem o poder."

O cineasta procura, por isso, compreender que espécie de vínculo pode nascer entre quem observa e quem é observado, entre quem conta uma história e quem vive suas consequências. Todo filme dele fala disso. Só que "Amor Possível" fala com mais ênfase.

Divulgação



Acervo conta as lutas e conquistas do movimento LGBTI+ no Distrito Federal

Luta LGBTI+ ocupa os vidros do Renato Russo

Exposição fotográfica faz ainda homenagem à sambista e ativista Leci Brandão

Por Mayariane Castro

O Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, recebe, a partir desta sexta-feira (12), a exposição do Acervo LGBTI+ Leci Brandão, iniciativa que reúne registros fotográficos da trajetória do movimento de gênero brasileiro.

A mostra será aberta às 19h, com entrada gratuita e classificação livre, e ficará em cartaz até 12 de dezembro. A proposta é apresentar imagens de protestos, manifestações e mobilizações políticas, com destaque para acontecimentos realizados no Distrito Federal nos anos 2000.

Realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), a exposição é uma iniciativa de Nina Ferreira e Lélia de Castro, em parceria com a organização Mirada Coletiva.

A mostra ocupará os vidros do Espaço Cultural Renato Russo, em uma instalação voltada para a rua, permitindo que as fotografias sejam vistas também por quem circula pela região.

As imagens foram selecionadas durante o processo de pesquisa que deu origem ao acervo digital. O conjunto reúne registros de atos e manifestações do movimento LGBTI+ no Distrito Federal e integra uma proposta de preservação e divulgação da memória política e social dessa população.

Plataforma

O projeto surgiu da necessidade de reunir, em uma plataforma de acesso livre e gratuito, documentos visuais relacionados à história do movimento LGBTI+ no Brasil.

Além das fotografias, o acervo contempla peças gráficas e imagens publicadas pela imprensa, com informações sobre mobilizações, acontecimentos e personagens que participaram da construção dessa trajetória.

A abertura da exposição contará com uma mesa de debate com representantes da pesquisa histórica, da militância e de organizações voltadas à preservação da memória LGBTI+.

Participam Nina Ferreira Barreto, idealizadora do projeto e coordenadora da equipe de pesquisa; Ana Flávia Magalhães, historiadora e professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília (UnB); Paula Silveira-Barbosa, cofundadora e diretora-geral do Arquivo Lésbico Brasileiro (ALB); e Bernardo Mota, cientista político, pesquisador e ativista transmasculino.

O nome do acervo homenageia a cantora e compositora Leci Brandão, referência do samba brasileiro e autora de músicas como "Zé do Caroço".

A escolha também está relacionada à trajetória da artista na política.

Divulgação



Leci Brandão é homenageada com o nome do projeto

Leci: símbolo da luta por reconhecimento

Sambista foi a primeira mulher assumidamente lésbica a ter trajetória política

Leci Brandão foi a primeira mulher assumidamente lésbica a ingressar na política institucional brasileira e uma referência artística grande para o movimento.

Para Nina Ferreira, a homenagem representa a relação entre diferentes movimentos sociais e a necessidade de articulação entre suas pautas.

"Para nós, homenagear Leci Brandão também é uma afirmação de que grupos historicamente subalternizados devem continuar lutando juntos por seus direitos. Há uma ilusão geral de que as lutas por dignidade estão separadas, mas sabemos que não é assim: a população LGBTI+ também faz parte da população negra, da classe trabalhadora, das religiões de matriz africana, por exemplo", afirma.

Acesso à história

Segundo as idealizadoras, a organização e a divulgação dos registros permitem documentar diferentes momentos da mobilização LGBTI+ e ampliar o acesso das novas gerações à história do movimento. A proposta é utilizar a memória visual como fonte de informação sobre as reivindicações, os espaços de organização e as formas de participação política da comunidade.

Além da exposição presencial, o Acervo LGBTI+ Leci Brandão estará disponível gratuitamente na internet a partir desta sexta, por meio do site miradacoletiva.com.br. A plataforma permitirá consultar as imagens organizadas por estado e utilizar filtros de pesquisa, como data e eventos específicos, entre eles as Paradas LGBTI+.

A disponibilização digital busca facilitar o acesso de pesquisadores, estudantes, integrantes de movimentos sociais e demais interessados em conhecer os registros.

Elise Milane



O corpo como máquina e equipamento: quais sãos os seus limites?

Mecanicorgânico: qual é o corpo que dança?

Por Mayariane Castro

O projeto Mecanicorgânico encerrou sua programação em Brasília com apresentações de dança contemporânea, atividades formativas e recursos de acessibilidade para os participantes na última semana.

Realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), a iniciativa teve como eixo o espetáculo solo Sem Osso, interpretado pela bailarina Lívia Bennet e dirigido por Édi Oliveira, além de oficinas gratuitas de investigação corporal no Espaço Cartas, na Asa Norte.

As apresentações ocorreram no Teatro Engrenagem e registraram lotação máxima na estreia, com os 100 lugares ocupados. A segunda sessão também teve adesão do público.

A temporada, no entanto, foi interrompida após uma intercorrência física da intérprete durante a segunda apresentação. Diante da situação, a produção decidiu suspender as sessões seguintes e concentrar os esforços na realização das atividades formativas previstas no projeto.

Limites do corpo

Após as apresentações, o público participou de rodas de conversa com os artistas. Os encontros abordaram questões relacionadas ao corpo, à vulnerabilidade, aos limites físicos e às possibilidades de expressão na dança contemporânea. A proposta foi compartilhar com os espectadores os processos de criação e os conceitos que orientaram a pesquisa artística desenvolvida ao longo de aproximadamente dez anos.

Projeto promoveu apresentações e oficinas gratuitas para discutir acessibilidade

A programação formativa ocorreu no final de outubro, no Espaço Cartas. As oficinas gratuitas de dança e investigação corporal foram organizadas para proporcionar aos participantes experiências práticas relacionadas aos temas presentes em Sem Osso. Entre os assuntos trabalhados estavam os limites físicos, as possibilidades expressivas do movimento e outras formas de percepção e ocupação do próprio corpo.

As atividades também incorporaram medidas de acessibilidade. A tradução em Língua Brasileira de Sinais (Libras) esteve disponível nos três dias de oficina, enquanto a audiodescrição foi oferecida em dois deles. Inicialmente, os recursos estavam previstos para as duas últimas apresentações do espetáculo. Com a suspensão da temporada, a produção redirecionou parte dessa estrutura para as oficinas, mantendo a proposta de ampliar as condições de participação de pessoas com deficiência.

A estrategista de imagem e posicionamento Olívia Paixão, de 34 anos, participou das atividades e relatou como a experiência envolveu questões pessoais relacionadas à exposição e à expressão corporal.

"Lidei com meu julgamento interno, a sensação de 'ridículo', o desconhecido dos toques em meu corpo e no corpo do outro, e todos os atravessamentos que o improviso pode trazer. Foram dias de muita liberdade".

Frágil e forte: instrumentos de expressão

Oficinas e apresentações discutiram até onde vai o esqueleto como equipamento

Elise Milane



Lívia Bennet comandou espetáculos e oficinas

Sem Osso é um solo de dança contemporânea que investiga o corpo como instrumento de expressão e explora aspectos relacionados à organicidade, à vulnerabilidade e à ruptura com padrões habituais de movimento. A obra tem interpretação de Lívia Bennet e direção de Édi Oliveira.

A concepção inicial previa uma investigação sobre a relação entre corpo e novas tecnologias. Durante o desenvolvimento do trabalho, a proposta foi modificada e passou a se concentrar na presença física da intérprete.

O resultado é um espetáculo sem projeções ou vídeos, no qual o movimento e a relação do corpo com o espaço constituem os principais elementos da composição cênica.

A pesquisa também aborda a fragilidade, a perecibilidade e os limites da estrutura corporal. Em cena, quedas e movimentos que desafiam padrões convencionais são utilizados como possibilidades de transformação e reinvenção.

A obra dialoga com conceitos filosóficos relacionados ao corpo sem órgãos e questiona formas padronizadas de funcionamento e organização da corporeidade.

O processo de criação e viabilização do espetáculo levou cerca de dez anos. Nesse período, a produção passou por mudanças de planejamento, desencontros de agenda e etapas de amadurecimento artístico até chegar à realização pública. A montagem integra uma sequência de trabalhos desenvolvidos por Édi Oliveira entre 2024 e 2026, período em que o artista mantém uma investigação sobre dança contemporânea, corpo e processos de criação.

Pesquisa e criação

Além da apresentação artística, o Mecanicorgânico foi estruturado para aproximar o público dos processos de pesquisa e criação em dança.

As oficinas permitiram que os participantes experimentassem questões investigadas no espetáculo, enquanto as rodas de conversa estabeleceram espaços de discussão sobre os temas abordados em cena.

A incorporação de Libras e audiodescrição às atividades formativas também integrou a proposta de acessibilidade do projeto. A iniciativa buscou ampliar a participação nas experiências de dança e investigação corporal, considerando diferentes formas de percepção e interação.